

TEATRO DO MUNDO | 11

**O Estranho e
o Estrangeiro no
Teatro**

**Strangeness and
the Stranger in
Drama**

Ficha Técnica

Título: O Estranho e o Estrangeiro no Teatro
Strangeness and the Stranger in Drama

Coleção: Teatro do Mundo

Volume: 11

ISBN: 978-989-95312-8-4

Depósito Legal: 412190/16

Edição organizada por Carla Carrondo, Cristina Marinho e Nuno Pinto Ribeiro

Comissão científica: Armando Nascimento Rosa (ESTC/IPL/CETUP), Cristina Marinho (FLUP/CETUP), Gonçalo Canto Moniz (dDARQ/CES/UC), João Mendes Ribeiro (dARQ, UC/CETUP), Jorge Croce Rivera (UÉvora), Nuno Pinto Ribeiro (FLUP7CETUP)

Capa | Foto: ©Hugo Marty, Bartabas et Sa Troupe Zingaro

On achève bien les anges - 2016

Projeto gráfico: Suellen Costa

1ª edição: julho de 2016

Tiragem: 100 exemplares

© Centro de Estudos Teatrais da Universidade do Porto

Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico, ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado – além do uso legal com breve citação em artigos e críticas – sem prévia autorização dos autores.

<http://www.cetup2016.wix.com/cetup-pt>

HOTEL SÃO CARLOS: PEÇA BREVE PARA DOIS INTÉRPRETES

Armando Nascimento Rosa
Escola Superior de Teatro e Cinema
do Instituto Politécnico de Lisboa / CETUP

HOTEL SÃO CARLOS: uma peça sem plateia de estranhos

A peça breve *Hotel São Carlos* foi escrita em 2014 e estreada numa das salas do Teatro Rápido, em Lisboa, pouco tempo antes de este espaço encerrar, infelizmente, as suas portas.

Na sequência do monólogo *Cigano de Lisboa* (estreado também no Teatro Rápido, em 2013, e publicado em número anterior de *Teatro do Mundo*), *Hotel São Carlos* constitui a minha segunda colaboração com o encenador Alexandre Tavares, mas desta vez trata-se de uma peça pensada para dois intérpretes: o jovem Diogo Tavares (que havia desempenhado a personagem singular de *Cigano de Lisboa*); e a veterana atriz Paula Só, para quem eu tive pela primeira vez o privilégio de destinar uma personagem, mercê desta *lenda viva* chamada Leonora Ventura.

Talvez que a memória de espectador, quando pela primeira vez assisti a um espectáculo teatral com Paula Só no elenco, tenha de algum modo exercido o seu ascendente na invenção desta personagem de cantora e atriz a que ela conferiu agora vida cénica. Com efeito, em *O Filho do Ar*, um imenso espectáculo de 1989 que reunia em mosaico várias peças breves de Jean Cocteau, Tchekov e Eugene O'Neill, encenado por Carlos Fernando com o seu Grupo Teatro Hoje no Teatro da Graça, Paula Só interpretava a figura feminina d'*O belo indiferente*, que Jean Cocteau havia escrito para Edith Piaf - texto que na cena funciona como um monólogo, visto que a figura masculina, para quem ela se dirige (interpretada

então por Fernando José Oliveira, actor e amigo que a morte colheu muito cedo) está presente mas nunca pronuncia uma palavra.

É muito provável que o ícone de Piaf com que Paula Só nos impressionava então me tenha decidido a criar Leonora Ventura para ela, nesta presente e breve criação cénica para dois actores (e ainda, como terceiro elemento, a participação do próprio encenador, como porteiro do bar). A proximidade espacial, na geografia urbana, entre o Teatro Rápido e o Teatro São Carlos levou-me a inventar a ficção deste Hotel São Carlos em cujo piano-bar os cantores ligeiros outrora se afirmavam em contraponto aos seus colegas do canto lírico, no teatro homónimo desse hotel. Mas só ouviremos na peça um excerto de uma canção do repertório de Leonora; uma espécie de rumba *roubada* ao meu projecto O Piano em Pessoa, que dinamizo desde 2012 com o pianista António Neves da Silva. Gravou-se uma versão interpretada na voz de Paula Só, do tema musical 'Ouço tocar um piano', título da canção que é o primeiro verso do poema 'Transeunte', de Fernando Pessoa.

Quem é afinal o jovem Maurício Barros, que deseja desafiar a diva Leonora Ventura para que esta regresse aos palcos, protagonizando a sua própria biografia encenada?

Memórias do espectáculo e da vida numa incursão humorada e sociocrítica em que se aborda a condição do artista, e na qual os espectadores não serão jamais estranhos ou exteriores à ficção cénica. Podemos suspeitá-lo desde logo, uma vez que nos sentamos, distribuídos pelo espaço cénico, como clientes do bar do hotel, testemunhando uma conversa com dois outros utentes como nós, mas especiais, que se reúnem naquele lugar. Num determinado momento da acção, já perto do final deste quarto de hora de teatro, iremos perceber o papel que cada espectador desempenha, como amigo e cúmplice de Maurício Barros. Ironia maior é este *Hotel São Carlos* transformar, involuntariamente, todos os grupos de espectadores de cada sessão em intérpretes de um colectivo de actores à procura de emprego.

Hotel São Carlos esteve em cena entre 1 e 31 de Março de 2014 (de quinta a segunda feira, inclusive, com cinco sessões diárias) na sala 4 do Teatro Rápido, em Lisboa. O espectáculo foi reposto em sala da Fábrica Braço de Prata entre 9 e 30 de Maio de 2014.

Dramaturgia: Armando Nascimento Rosa

Encenação e cenografia: Alexandre Tavares

Interpretação:

Paula Só – Leonora Ventura

Diogo Tavares – Maurício Barros

(com a participação de Alexandre Tavares como Porteiro)

Canção original: poema de Fernando Pessoa e música de Armando Nascimento Rosa; arranjos, piano e gravação de António Neves da Silva

Produção: João Pires e Mónica Talina

Design: Fabiana Costa

Fotografia e Vídeo: Sofia Marques Ferreira e Pedro Soares

No piano-bar do Hotel São Carlos, cantou outrora Leonora Ventura, no arranque da sua brilhante carreira de cantora e actriz. Hoje, é apenas um lugar que guarda a memória fascinante do que foi noutros tempos. Mas graças à importância simbólica deste espaço na vida artística de Leonora, o encontro entre ela e um jovem produtor, que ela não conhece e que a procura com uma proposta ambiciosa, irá ter lugar numa das poltronas púidas do foyer do hotel. Os espectadores ocuparão as restantes.

Personagens

LEONORA VENTURA – Cantora e actriz muito célebre

MAURÍCIO BARROS – Jovem que se diz produtor de espectáculos

PORTEIRO

No bar do Hotel São Carlos o porteiro indica o lugar aos espectadores no espaço cénico, que tomam parte na acção na qualidade de utentes do bar, sentados em torno das mesas. Após

alguns momentos, entra Leonora Ventura. O porteiro dá a entender que já estava à sua espera e acompanha-a de imediato ao lugar que lhe era reservado. Entretanto, chega Maurício.

MAURÍCIO BARROS: Peço-lhe muita desculpa por fazê-la esperar. A culpa é do trânsito.

LEONORA VENTURA: Não tem problema.

MAURÍCIO: É uma honra imensa conhecê-la ao vivo.

LEONORA: Recorde-me o seu nome...

MAURÍCIO: Maurício Barros.

LEONORA: Falámos ao telefone uma única vez, não foi?

MAURÍCIO: Exacto. Das outras vezes falei sempre com a sua agente.

LEONORA: Tem graça. O Maurício é bastante jovem. Ao telefone julguei que fosse um homem com muito mais idade.

MAURÍCIO: Mas eu já tenho alguma experiência de produção, D^a. Leonora. E estudei a sua carreira ao pormenor.

LEONORA: Não digo o contrário. E deixe lá o dona em paz. Gosto muito do meu nome. Trate-me só por Leonora.

MAURÍCIO: *(Referindo-se à ocupação da sala, diz uma das frases em alternativa consoante os espectadores em cada sessão.)* A sala do bar está hoje muito cheia. // A sala do bar não tem hoje muita gente.

LEONORA: Foi uma boa escolha este local para falarmos.

MARTINHO: Obrigado. Imagino que a Leonora tenha gosto em voltar aqui.

LEONORA: Não venho cá há tantos anos.

MAURÍCIO: É pena o Hotel São Carlos estar assim tão decadente.

LEONORA: Está parecido com o país, meu amigo.

MAURÍCIO: Ali era o sítio do piano, não era?

LEONORA: Sinto muito a falta dele. O piano era a alma desta sala. O espaço está muito alterado. Isto não era um simples bar, Maurício. Era uma sala de espectáculos.

MAURÍCIO: Eu sei. Já comprei o DVD *Leonora ao vivo no piano bar do Hotel São Carlos*. É extraordinário. Não me canso de o ver uma e outra vez. Até o trouxe comigo para lhe pedir um autógrafo, escrito aqui, no lugar do crime (*Riem ambos*.)

LEONORA: Ponha-o em cima da mesa para eu não me esquecer. Fiquei tão feliz com esta reedição. De outro modo pessoas da sua idade não podiam saber o que estas paredes ouviram. Ali mais abaixo, no Teatro São Carlos cantavam os líricos e aqui, no Hotel São Carlos, brilhávamos nós, os cantores ligeiros.

MAURÍCIO: E havia guerra entre vocês?

LEONORA: Guerra não. Era uma disputa saudável. Os líricos acabavam as suas óperas e vinham ouvir-nos noite adentro. Nem todos, claro. Mas até a Maria Callas aqui esteve quando actuou em Lisboa.

MARTINHO: Gostava tanto de viajar no tempo para poder aplaudir a Leonora, numa dessas noites de glória.

LEONORA: Que é isso, Maurício? Você é muito novo para ser tão saudosista. O passado já lá vai. Fale-me, mas é do futuro! É para isso que aqui estamos.

MAURÍCIO: Que emoção tremenda estar eu a conversar consigo. A Leonora é uma lenda viva do espectáculo.

LEONORA: Não me chame lenda viva, por favor! Isso faz-me sentir um cadáver ambulante.

MAURÍCIO: Desculpe, Leonora. Não a queria ofender.

LEONORA: Cada vez que me chamam lenda viva, lembro-me de uma múmia ressequida e toda entrapada que volta a caminhar sozinha como os *zombies* desses filmes que estão agora muito na moda. Não é para isso que você me quer convidar, suponho.

MAURÍCIO: É claro que não. O meu projeto é um espectáculo de teatro musical, a estrear no Capitólio.

LEONORA: No Capitólio? Mas isso não está em ruínas?

MAURÍCIO: Vai ser reaberto em grande estilo. E não fechará tão depressa. Vamos produzir um espectáculo para estar em cena muitos anos.

LEONORA: Você deve julgar que estamos em Londres.

MAURÍCIO: Temos de pensar em grande, à medida da Leonora.

LEONORA: Então concretize, Maurício, concretize!

MAURÍCIO: A minha ideia é fazermos uma viagem pela sua vida através das canções que celebrou. Haverá uma actriz a fazer o seu papel em jovem. E a Leonora fará de si mesma no tempo presente.

LEONORA: Explorar assim a minha vida, à boca de cena? Essas coisas costumam fazer-se com as divas já mortas e cremadas.

MAURÍCIO: A ideia não parece ser do seu agrado.

LEONORA: Eu sempre fui uma mulher frontal, Maurício. Mas não me apetece nada fazer um *strip-tease* emocional todas as noites no palco do Capitólio.

MAURÍCIO: Eu não quero que a Leonora fique nua no espectáculo.

LEONORA: Pois eu também não, meu caro amigo. A minha arte nunca foi a dança do varão. Se você estudou a minha carreira, tem obrigação de o saber.

MARTINHO: Isto não me está a correr nada bem.

LEONORA: Mas não tenho nada contra, percebe? Cada uma dança como pode e como sabe.

MAURÍCIO: Sabe, Leonora, eu tenho um sonho.

LEONORA: Todos temos, Maurício. Sem eles, que seria de nós? Mas esse musical da minha vida, com os vários maridos de Leonora Ventura a darem à perna à minha volta, em traje de passeio, não me parece boa ideia.

MAURÍCIO: Mas o sonho a que eu me referia era outro. É um sonho mais modesto. O sonho de alguém que a venera muito, Leonora.

LEONORA: Você só devia venerar a sua mãezinha, Maurício, ou então ficar-se pela senhora de Fátima, se a fé o inspirar.

MARTINHO: Desculpe, Leonora, eu não estou a usar bem as palavras.

LEONORA: Então diga de uma vez que sonho é esse! Não me vai pedir em casamento, pois não? Eu tenho idade para ser sua avó.

MARTINHO: Não, Leonora. É uma coisa mais simples. Não posso resistir a pedir-lho.

LEONORA: Então peça, homem!

MAURÍCIO: Eu queria muito que a Leonora dançasse comigo aqui 'Ouço tocar um piano'. Tenho uma paixão por esse tema.

LEONORA: Eu também. Gravei-o de novo há pouco tempo. Você tem aí o disco?

MAURÍCIO: Tenho, tenho! A Leonora aceita? Eu nem acredito. (*Dirige-se ao porteiro.*) Olha, podes pôr a tocar o cd que eu te dei.

LEONORA: Então isto já estava tudo combinado.

MAURÍCIO: Ele é um velho amigo. Fizemos juntos a escola de teatro em Cascais.

LEONORA: (*A música começa.*) Vai toda a gente ficar a olhar para nós. Mas eu já estou habituada.

MAURÍCIO: (*Fazendo uma vénia.*) Concede-me esta dança? (*Leonora corresponde ao convite e dançam. Após o refrão, ouve-se o som de um telemóvel.*)

LEONORA: (*Suspende a dança e consulta o ecrã.*) É a minha agente. Tenho de atendê-la. Peça ao seu amigo que baixe o som, por favor. (*Maurício faz-lhe um gesto e a música baixa de volume.*) Sim, Isabel, estou no bar com o Maurício. É um jovem simpático. Um pouco irrealista. O quê? Mas que história é essa? Amoraçado num quarto do hotel? Por um desconhecido com uma meia na cabeça? (*Maurício mostra-se intimidado com estas palavras.*) Perigo, Isabel? Que disparate. Estou num local público, cheio de gente. Sim! Vem ter comigo.

MAURÍCIO: Era a sua agente?

LEONORA: Era, sim. E pelos vistos, o baile acabou.

MAURÍCIO: Mas não terminámos a canção.

LEONORA: Quem é você, afinal? E não me diga que se chama Maurício Barros, porque o produtor Maurício Barros tem sessenta anos e foi encontrado com algemas e mordaca num quarto deste hotel. A mulher da limpeza ouviu uns urros estranhos e resolveu abrir a porta. Foi você que sequestrou o homem, não foi? E agora fez-se passar por ele. Mas porquê? Que loucura é esta?

MAURÍCIO: Eu queria conhecê-la, Leonora. Queria dançar consigo ao som desta canção.

LEONORA: Você é mesmo doido. E foi preciso amordaçar um desgraçado? O homem até sofre do coração. Podia ter morrido com o susto.

MAURÍCIO: Esse Maurício é um vigarista. Eu já li o guião que ele escreveu. É pavoroso. Nem você sabe do que eu a poupei. Pode confiar em mim. Leonora.

LEONORA: Confiar num criminoso.

MAURÍCIO: Eu não sou criminoso. Sou apenas o maior dos seus fãs.

LEONORA: O sequestro é um crime. Usar falsa identidade também é.

MAURÍCIO: Mas eu também sou Maurício. Só não me chamo Barros. E não sequestrei ninguém. Estas pessoas e aquele porteiro são minhas testemunhas. Passámos a tarde a jogar *snooker* na sala ao lado. Estávamos todos à sua espera.

LEONORA: À minha espera? Então, mas os clientes são todos seus cúmplices?

MAURÍCIO: E o porteiro também.

LEONORA: Você está a deixar-me nervosa.

MAURÍCIO: Não tenha medo, Leonora. Ninguém lhe vai fazer mal. Eu não sou desses fãs dementes que assassinam os seus ídolos, como aquele que matou o John Lennon.

LEONORA: Eu preciso sair daqui, Maurício. Tenho de apanhar ar fresco.

MAURÍCIO: Mas eu não lhe fiz ainda a minha proposta.

LEONORA: Que proposta tem você ainda para me fazer? Também me quer aprisionar num quarto de hotel?

MAURÍCIO: Nada disso. Eu não sou psicopata. Sou apenas um excêntrico. Nunca ouviu aqueles anúncios?

LEONORA: Que anúncios? Não estou a perceber.

MAURÍCIO: Aquilo de andarem a criar excêntricos todas as semanas nesta velha Europa.

LEONORA: Você ganhou o euromilhões!? Não brinque assim comigo.

MAURÍCIO: Acertou, Leonora. É o sonho de todo o cidadão comum deste país, atolado em dívidas. E aconteceu-me logo a mim. Tornei-me capitalista de um dia para o outro, há três semanas.

LEONORA: E que uso vai dar ao seu dinheiro?

MAURÍCIO: Já comecei a dar-lhe uso. Sou o novo proprietário do Hotel São Carlos. Comprá-lo foi fácil. Estava hipotecado a um banco. Tudo o que aqui vê é meu. Vou mandar alargar esta sala, colocar aqui um piano de cauda, e contratar a maior estrela que alguma vez pisou este lugar.

LEONORA: Mas isso soa-me a um delírio da sua mente. Como posso eu acreditar em si?

MAURÍCIO: Pergunte ao porteiro. Pergunte às pessoas que aqui estão.

LEONORA: Mas estão todos feitos consigo. Se calhar subornou-os.

MARTINHO: Se os subornei é sinal de que tive dinheiro para o fazer. É um ponto a meu favor. Pergunte-lhes.

LEONORA: Fale-me destas pessoas. Como é que as reuniu aqui?

MAURÍCIO: São todos actores desocupados. Colegas do teatro à espera de uma oportunidade.

LEONORA: Há caras que não me são estranhas.

MAURÍCIO: É possível. Alguns têm feito parte dos elencos de apoio nas telenovelas. Estão todos radiantes com a ideia de poderem trabalhar consigo. O seu sim vai tirá-los do desemprego.

LEONORA: Você está a pressionar-me de forma indecente.

MAURÍCIO: O espectáculo será feito à medida da Leonora, com os músicos que escolher. É um convite que não pode recusar.

LEONORA: Você sequestrou um homem. Eu não posso esquecer uma coisa dessas.

MAURÍCIO: Deixe lá isso, Leonora. A proposta dele não valia nada. E era preciso esmagar a concorrência.

LEONORA: Você está um verdadeiro capitalista. (*Pausa.*) Eu preciso apanhar ar, Maurício, já lhe disse.

MAURÍCIO: Só a deixamos sair quando nos der uma resposta.

LEONORA: Mas você pensa que pode aprisionar-me aqui? Não me conhece. Eu nunca tive medo de ameaças, nem no tempo do Salazar. Guarde a sua fortuna se acaso a recebeu e contrate outra cantora. Há muitas na Casa do Artista à espera de um telefonema.

Fim